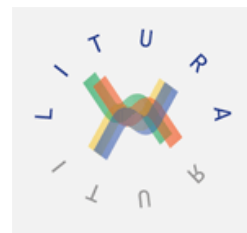


## LIMITES NA PSICANÁLISE EXTRAMUROS<sup>1□</sup>

Andréa Reis<sup>2□□</sup>

Marcus André Viera<sup>3□□□</sup>



**Resumo:** Primeira abordagem do tema dos limites a partir da mesma situação clínica desenvolvida no texto “Limites”, sem ainda a fundamentação desenvolvida por Lacan em seu Seminário 20 (com Andrea Reis).

**Palavras-Chave:** Digaí, limite, cidade, clínica.

### Introdução

Experiências como a do Digaí-Maré parecem propor um “ir além dos limites” tradicionais dos consultórios. Trabalhar com a psicanálise dentro de uma favela transmite a idéia de um ultrapassamento de fronteiras. A expressão “extra muros” assinalaria, assim, uma vitória sobre o autocentramento apolítico dos psicanalistas por um lado, e sobre as barreiras que dividem nossa cidade, por outro. Como sabemos, porém, que a cada limite desbravado outro sempre aparece a luta seria sem fim. Ultrapassado o limite geográfico, outros apareceriam no horizonte: violência, gratuidade, necessidades básicas de sobrevivência etc. seriam os limites destes corajosos analistas.

É preciso partir de outro ponto de vista. Essa lógica idealista produz ex-combatentes, cansados de assistir ao surgimento de dois novos muros para cada um que cai, correspondentes de guerra, que trazem notícias para os “do lado de cá” de como anda o trabalho no front, e outras figuras mais - em que brilha o ativismo, mas nas quais parece empalidecer a psicanálise. Dada a experiência acumulada nestes cinco anos de trabalho do Digaí, parece-nos importante deixar de lado logo de saída a visão romântica ou militante do trabalho. Por isso, o título dessa mesa, deve ser lido, a nosso ver, como um paradoxo vivo: em nossa experiência vivemos do início ao fim o paradoxo de uma ruptura de barreiras e ao mesmo tempo da presença intransponível delas. Nem tanto “Limites *da* psicanálise extramuros” e sim “limites *na* psicanálise extramuros”, limites e extramuros, os dois ao mesmo tempo.

Não buscamos resolver o paradoxo distinguindo limites diferentes. É a própria ideia de limite que precisa ser abordada de outro modo. Se decidimos trabalhar em campos pouco explorados, foi menos para trazer uma psicanálise conhecida onde ela ainda não é conhecida e mais para aprender com ela. Até que ponto ela precisa contar com a cumplicidade que desfruta com os integrantes da classe média carioca, com a intimidade que um consultório privado institui e finalmente com um salário não garantido pelo Estado para quem se propõe a exercê-la? A psicanálise também oferece, para cada um que se engaja no tratamento, um além dos limites subjetivos. Ela não os ultrapassa, mas os desrealiza, ao menos em parte. Tornados mais leves, novos trabalhos parecem ser possíveis com eles. É com essa idéia que o Digaí trabalha. Antes de tentar demonstrar, uma palavra sobre o funcionamento do Digaí.

### Apresentação

O Digaí-Maré é um projeto de Psicanálise aplicada que se alinha à orientação política da *Associação Mundial de Psicanálise*. Esta orientação aponta para a ampliação do trabalho na cidade, como também se posiciona de outra maneira com relação a ela. Posição que é encarnada pelo tema proposto por Eric Laurent, o do “Analista Cidadão”, aquele que abandona uma postura separada do mundo e passa a se conectar, como analista, com a cidade, buscando novas formas de tornar a psicanálise sensível às diferentes formas de segregação.

Neste contexto, o Digaí-Maré se situa como um projeto que busca pensar sua inserção na cidade e nas implicações desta inserção. É um projeto formado por psicólogos clínicos, estagiários de

<sup>1□</sup> Texto redigido para apresentação na mesa redonda “Limites da clínica psicanalítica extramuros”, do Simpósio Interinstitucional PUC-Rio/UF RJ, *Limites da clínica, clínica dos limites*, Rio de Janeiro, 11 e 12 de junho de 2010.

<sup>2□□</sup> Psicanalista da Escola Brasileira de Psicanálise (seção Rio), coordenadora das reuniões clínicas do Digaí-Maré do qual é uma das fundadoras.

<sup>3□□□</sup> Psicanalista da EBP, Professor assistente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

graduação e supervisores e que oferece atendimento clínico orientado pelos princípios da psicanálise. Funciona desde janeiro de 2005 no bairro Maré e atualmente concentra o trabalho em sua sede na comunidade de Nova Holanda.

O atendimento é feito em pequenos grupos. Cada grupo é formado por um clínico e quatro pacientes, que são reunidos por faixa etária. Temos grupos de crianças, adolescentes e adultos.

Nossa porta de entrada funciona em dois grupos de chegada semanais onde recebemos todos os que pedem atendimento. Embora a maioria dos pedidos resulte em encaminhamento para um grupo, existem casos em que são encontradas soluções já nestes atendimentos.

Recebemos pessoas encaminhadas pelos mais diferentes lugares: Escolas, Postos de saúde, outras ONGs da região e um volume cada vez maior de pessoas da comunidade que chegam espontaneamente. O atendimento é gratuito e cada grupo pode durar de seis meses a um ano. Quando alguém que participou de um grupo que se dissolveu necessita continuar seu trabalho, é encaminhado para um novo grupo.

Desde sua fundação em 2005, o Digai tem como parceiros o *Programa de Criança Petrobrás*, da Redes-Maré; a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), por meio do Departamento de Psicologia; e a seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio).<sup>4</sup>

### **As redes de hoje e os grupos Digai<sup>5</sup>**

Uma das características mais marcantes de nossa época é o declínio dos ideais e o enfraquecimento das figuras de autoridade. Os princípios que pareciam organizar o mundo perdem sua força assim como as referências que serviam de base para a constituição de cada um. Um dos aspectos desse novo quadro é o que chamamos de crise das identificações. Há uma pluralização das palavras de ordem em torno das quais se formam os grupamentos atuais, de forma que reconhecemos hoje uma grande multiplicidade de estilos de vida e de comunidades não tradicionais.<sup>6</sup>

No entanto, ao contrário do que poderíamos supor, essa expansão identificatória não tem como consequência necessária uma maior tolerância e respeito pelas diferenças. A reivindicação dos novos estilos de vida chega acompanhada pelo seu múltiplo rechaço. Sendo assim, a segregação se mantém bastante atual, vide nossas guerras contemporâneas e as inúmeras manifestações de intolerância entre os diferentes grupos.<sup>7</sup>

Estas mudanças nos laços grupais se relacionam intimamente com a maneira com que se constitui a identidade dos sujeitos. Sabemos que os laços grupais são fundamentais para formação da identidade. O “quem sou eu” se apóia em grande parte em saber “quem é a minha turma”. É no “Uns com os outros” do social que cada um se apóia para construir uma história, achar um lugar, ter um nome.

Esse nome, no entanto, não se constitui unicamente baseado nesta dimensão coletiva. Há sempre algo de muito singular que parece não caber em lugar nenhum, que não pode ser compartilhado, que muitas vezes nem mesmo pode ser nomeado. É aquilo que, segundo Freud, consegue ser ao mesmo tempo o mais íntimo e o mais estranho em cada um de nós.

---

<sup>4</sup> A Redes foi o nosso anfitrião, quem nos abriu as portas da comunidade, e até hoje permanece como um importante parceiro. O Digai-Maré recebe alunos do curso de graduação em Psicologia da PUC-Rio para estágio extra-curricular e constitui um campo de investigação privilegiado para os alunos que fazem parte da pesquisa “Sintoma e Trauma” coordenada pelo professor Marcus André Vieira, um dos fundadores do projeto. Conta também com a parceria da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), através da qual o Digai obtém as diretrizes teórico-clínicas que sustentam sua prática. Mais recentemente, desde o início de 2008, o Digai-Maré tornou-se uma das instituições que constituem a Ripcahd – Rede Interdisciplinar de Proteção à Criança e ao Adolescente com Histórico de Desescolarização – e a Rede Rotas, que trabalha com jovens inseridos em redes ilícitas. A partir dessas articulações, foi possível estabelecer um trabalho em parceria com outras instituições como o Instituto Vida Real na Maré, a Vila Olímpica da Maré, Creche Comunitária da Maré e o Centro de Referência das Mulheres da Maré. Finalmente, é preciso assinalar que o trabalho do Digai também tem acontecido de forma articulada à rede de Saúde Mental por sua participação nos Fóruns de Saúde Mental da área programática em que está situado (A.P. III. 1).

<sup>5</sup> “O momento atual... não tem lado, nem mocinho e bandido, não tem heróis, só vencidos em um campo sem concentração, sem resistência, sem limites. Em uma guerra assim, que não se realiza em torno do Um, perde-se a estratégia, a tática e a política habituais e a solidão e o silêncio prevalecem sobre os interesses coletivos” (Holck, A. L. L. “*Patu: a mulher abismada*”. Rio de Janeiro: Subversos, 2008, p. 124).

<sup>6</sup> Os laços sociais e familiares se orientam de outra forma: maior diversidade, maior fragmentação. Qualquer idéia, por mais inconsistente que possa parecer é hoje suficiente para agregar pessoas, como podemos constatar na enorme quantidade de comunidades à disposição no mundo virtual em que vivemos.

<sup>7</sup> Cf. Tendlarz, S. “O patológico da identificação”. In: *Opção Lacaniana nº 47. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Edições Eolia, 2006.

Estes desencontros de alguém consigo mesmo muitas vezes o tornam refém das próprias escolhas. É o sujeito cantado por Chico Buarque e Ruy Guerra em *Fado Tropical* como dividido pela “distância entre intenção e gesto”. É o que diz que “depois do feito, desencontrado eu mesmo me contesto” e para quem “se a sentença se assemelha bruta, mais que depressa a mão cega executa, pois que senão o coração perdoa”.

Nesta letra a divisão resulta em um dito preciso: “eu mesmo me contesto”. Na vida, no entanto, nem sempre os desencontros que experimentamos conseguem ser articulados com tamanha precisão. E quanto mais distante ele precisar manter as mãos e o coração, mais duros serão os golpes e mais lamentos se farão.<sup>8</sup>

O mundo, de uma maneira geral, oferece poucos lugares onde é possível entrar com o que se tem de melhor e de pior, o sujeito e sua própria divisão. Onde caiba tanto o que é facilmente compartilhado, quanto o que traz a marca do estranho particular. Os grupos resistem a essa presença porque ela tende a perturbar a necessária sintonia grupal e é normalmente com dificuldade que estabelecemos laços em que a singularidade e o estranho sejam também acolhidos. A pretensão dos nossos grupos é criar um lugar onde isso possa caber por, de alguma forma, ter sido articulado em fala. Ao nomear o que não tem nome o sujeito pode encontrar um lugar para o estranho que o habita e com isso, ficar menos refém da sua própria divisão. Apostamos que essa fala possa ser uma invenção do sujeito para lidar com os impasses que o mundo lhe apresenta e apostamos que isso não se fará sem alguns outros, por isso o grupo.

Nesse sentido o trabalho clínico do Digaí-Maré pode ser considerado uma tentativa de “tomada de posição com relação à violência”. Apostar no poder de nomeação como saída equivale a uma “recusa em considerar como solução uma suposta ‘ação real’, fora da cultura e, por isso mesmo, mais forte do que as palavras”<sup>9</sup>.

### Um exemplo...

Um dos primeiros grupos do Digaí, coordenado por Maricia Ciscato, iniciou seu percurso de uma forma particular: as narrativas sobre diferentes tipos de violência dominavam a cena, produzindo uma espécie de falatório coletivo, quase obsceno, sobre esse tema. Foi preciso, primeiro que ela pudesse perceber o quanto o horror exercia sobre ela mesma um fascínio evidente. Isso tornou possível um manejo clínico para indicar outra possibilidade de fala e um primeiro deslocamento na posição das participantes: “Certo descaso pelo relatos das cenas violentas, interrompendo-as muitas vezes, e interesse pelo surgimento de algo particular foram fundamentais...”<sup>10</sup>

É nesse contexto que surge a fala de Antônia sobre a conturbada relação com seu filho primogênito. Relata sua rejeição ao menino, seu desejo de se desfazer dele, e os maus tratos que resultaram na possibilidade iminente de perder a guarda não só desse filho como também do caçula a quem dizia amar. Da mesma forma que para com o horror narrado pelo grupo anteriormente, foi preciso desviar a atenção, em relação à descrição dos maus-tratos e castigos que aplicava ao filho e à tentativa de convencer a todos que o menino os merecia, “foi preciso que a clínica acolhesse e apontasse que não o menino, mas *algo nele* era insuportável para ela”<sup>11</sup>. Isso se deu a partir da construção de sua narrativa para o grupo: entre muitos irmãos, foi a única filha entregue pela mãe para ser criada por outra pessoa. Herda da mãe um defeito na perna, que depois de submetido a uma cirurgia para ser extirpado, deixa uma cicatriz, que Antônia mostra às outras participantes.

---

<sup>8</sup> O formato das redes tem se apresentado como uma solução de montagem do coletivo nesses tempos de enfraquecimento dos ideais, quando os modelos hierárquicos já não dão conta de sustentar a organização de qualquer grupo. Em muitos casos é o possível, ou até mesmo a melhor resposta à dispersão e pluralidade do mundo contemporâneo. Porém, as redes não servem somente ao melhor. Elas também têm sido usadas como estrutura de funcionamento do pior. São as chamadas redes ilícitas, que fragmentam a cidade em áreas de atuação de diferentes grupos e exercem um verdadeiro fascínio sobre os jovens. Existem na Maré muitas iniciativas que têm por objetivo oferecer alternativas aos jovens que teriam as redes ilícitas como primeira escolha. São grandes projetos que juntos formam outra rede e produzem um efeito multiplicador de suas ações. Existem, porém, casos em que os impedimentos subjetivos a uma mudança de rumo falam mais alto, tornando o jovem impermeável às novas ofertas. É para estes que o Digaí existe. Nossas limitações e nosso talento indicam que nosso lugar na Rede funciona bem quando estamos associados a grandes iniciativas, num trabalho conjunto, recebendo aqueles que parecem não conseguir se beneficiar das ofertas de novos recursos.

<sup>9</sup> Vieira, M. A. *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008, p. 42.

<sup>10</sup> Ciscato, M. “Fins de um trabalho analítico” Em: *Psicanálise na Favela – projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008, p.102.

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 102.

Essa cicatriz, no início, trazia a marca da relação amorosa com a mãe adotiva, que a salvou do abandono e que a incentivou a fazer a cirurgia. Era também a marca do limite de uma identificação com a mãe biológica, outra que não aquela fundada na rejeição. De fato, este era o único traço de ligação entre as duas. Com o trabalho no grupo, a cicatriz passa a servir como uma espécie de ponte para o recalcado, colocando em destaque uma ligação que não se esgota no abandono.

A cicatriz passa a ser a marca da ligação entre ela e mãe para além da rejeição, e é o que vai permitir a Antônia, ao mesmo tempo descobrir e construir uma outra ligação com seu filho. Surge em sua narrativa uma associação entre o jeito da criança e o de sua mãe biológica: diz que o menino é a avó “cuspidor e escarrado” e que representa tudo o que era desgosto e vergonha em sua vida.

Antonia se separa de um marido com quem a rejeição sempre esteve na ordem do dia e contando com o olhar de um novo namorado - que garante uma mediação entre ela e o filho – pela primeira vez, encontra em si própria algo similar ao jeito de seu filho e também de sua mãe. Diz que assim como eles, sabe provocar os outros até que percam a cabeça.

A interpretação, que no início desloca o horror que estava encarnado pelo filho para *algo nele*, agora se desdobra, e permite que *algo nela* se destaque. É contando com isso, e também a partir da separação engendrada, que uma filiação começa a se construir e uma identificação rígida demais começa a se desfazer.

Uma vez desfeita essa identificação de Antônia com a figura da mãe que rejeita, espanca e despreza, cria-se a possibilidade de um novo lugar no coletivo menos limitado ao dessa mãe terrível e, isso, tanto para ela quanto para seu filho, felizmente desalojado da posição da criança insuportável.

### **Referências Bibliográficas**

Barros, R.R. “Da massa freudiana ao pequeno grupo lacaniano” Em: *Psicanálise na Favela – projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

Freud, S.(1921) “Psicologia das Massas e Análise do Eu”. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Holck, A. L. L. “Patu: a mulher abismada”. Rio de Janeiro: Subversos, 2008.

Lacan, J. (1947) “A psiquiatria inglesa e a guerra” Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Laurent, E. “O analista cidadão”. Em: *Psicanálise e Saúde Mental*. Revista Curinga n.13. Belo Horizonte, 1999

Tendlarz, S. “O patológico da identificação”. In: *Opção Lacaniana nº 47. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Edições Eolia, 2006.

Vieira, M. A. “Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise”. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.